



Edgar A. Poe

# A Queda da Casa de Usher

Adaptação  
Renato Massaharu Hassunuma

canal6 editora

© Renato Massaharu Hassunuma

**Título original**

*The fall of the house of Usher*

**Conselho Editorial**

BIOMÉDICA ESP. GABRIELY CRIVARI DE ALMEIDA LIMA

*Especialista em Assistência Dermatológica Especializada pelo Instituto Lauro de Souza Lima (ILSL)*

BIOMÉDICA M.<sup>a</sup> MARYANA LOURENÇO BASTOS DO NASCIMENTO

*Mestra em Ciências pela Universidade de São Paulo (USP)*

ENF. ESP. FÁBIO APARECIDO DA SILVA

*Especialista em Enfermagem em UTI Neonatal, Ginecologia e Obstetrícia pela Faculdade de São Marcos (FACSM)*

**Capa e Design**

Renato Massaharu Hassunuma

**Créditos das Figuras**

*Capa, páginas capitulares e contracapa*

Fonte: Modificado de: Ewing S. Peaceful lake reflecting aged houses and lush autumn trees under overcast sky [Internet]. 2020 Nov 3 [Acesso 31 mai 2024]. Disponível em: <https://www.pexels.com/photo/peaceful-lake-reflecting-aged-houses-and-lush-autumn-trees-under-overcast-sky-5782487/>. Figura registrada como: *Free to use. Attribution is not required.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

---

P743a

1.ed. Poe, Edgar A., 1809-1849  
A queda da casa de Usher [livro eletrônico] / Edgar A. Poe; tradução e adaptação: Renato Massaharu Hassunuma. – 1. ed. – Bauru, SP: Canal 6, 2025.  
PDF.

Título original: The fall of the house of Usher.  
ISBN 978-85-7917-683-8

1. Ficção – Literatura norte-americana. I. Hassunuma, Renato Massaharu. II. Título.

02-2025/116

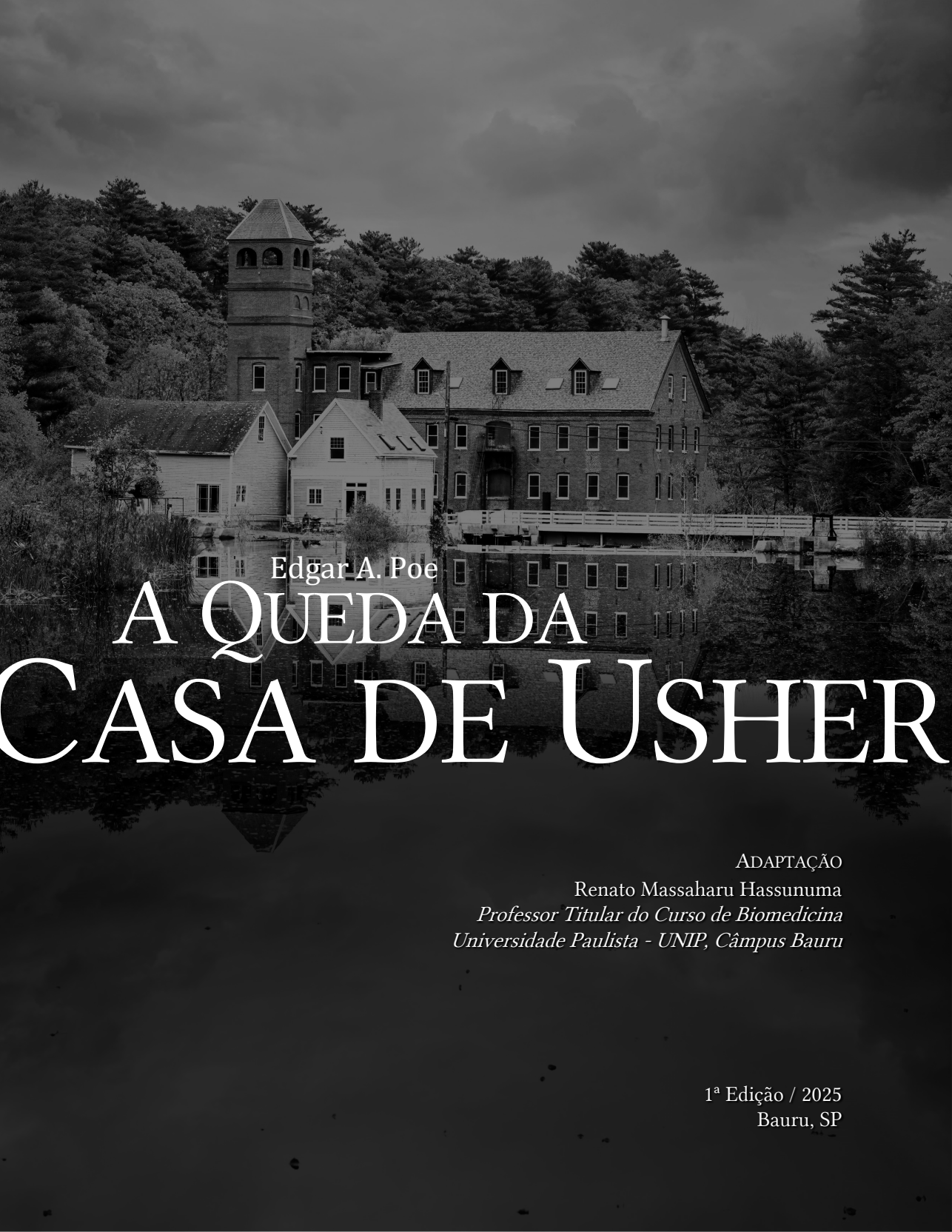
CDD 813

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Bibliotecária : Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129



Edgar A. Poe

# A QUEDA DA CASA DE USHER

ADAPTAÇÃO  
Renato Massaharu Hassunuma  
*Professor Titular do Curso de Biomedicina  
Universidade Paulista - UNIP, Câmpus Bauru*

1ª Edição / 2025  
Bauru, SP

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a ***Biomédica Esp. Gabriely Crivari de Almeida Lima, Biomédica M.<sup>a</sup> Maryana Lourenço Bastos do Nascimento e o Enf. Esp. Fábio Aparecido da Silva***, pelas suas valiosas contribuições na revisão da adaptação do conto.

Agradeço o apoio da **Universidade Paulista – UNIP**, por meio da **Vice-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Paulista – UNIP** na publicação desta obra.

*Prof. Dr. Renato Massaharu Hassunuma*

## APRESENTAÇÃO

“A Queda da Casa de Usher”, juntamente com a poesia “O Corvo” está entre as obras mais conhecidas do escritor norte-americano Edgar A. Poe. O conto foi inspiração para filmes, seriados, livros, histórias em quadrinhos, peças de teatro, quadros, álbuns, músicas, entre outros veículos de comunicação.

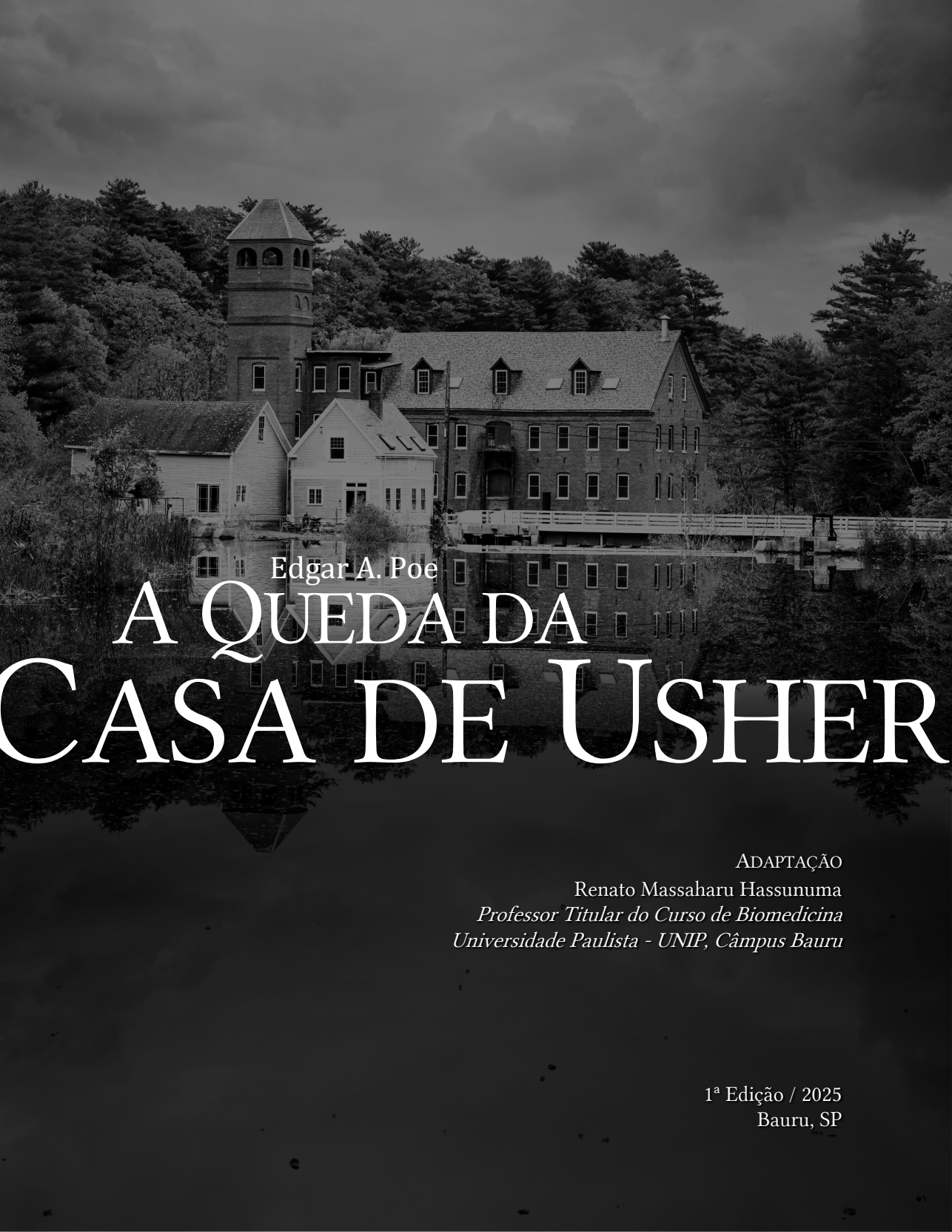
A história gótica e melancólica permanece como uma obra de arte essencial na galeria do autor. Na presente adaptação, assim como em outras obras de Edgar A. Poe publicados pela Canal 6 Editora, o objetivo principal deste livro foi recontar a história de Poe em uma linguagem acessível e moderna para leitores iniciantes, no intuito de que a partir desta instigante narrativa, mais destes jovens desenvolvam o interesse e o gosto pela leitura e por outras traduções do autor.

Gostaria de mencionar que esta publicação é uma produção científica do **GP15 - Grupo de Pesquisa em Informática em Saúde**. Para mais informações sobre o GP15, acesse o Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil Lattes/CNPq, disponível no *link*: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5285181734512763>.

Reforço também que esta obra teve o apoio da **Universidade Paulista – UNIP**, por meio da **Vice-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Paulista – UNIP**, como parte das atividades desenvolvidas no Projeto Individual de Pesquisa para Docentes intitulado “**A exumação de Edgar Allan Poe: encerrando um estudo de 7 anos com 13 publicações científicas sobre temas da área da saúde abordados em seus contos**”.

Uma boa leitura!

*Prof. Dr. Renato Massaharu Hassunuma*



Edgar A. Poe

# A Queda da Casa de Usher

ADAPTAÇÃO  
Renato Massaharu Hassunuma  
*Professor Titular do Curso de Biomedicina  
Universidade Paulista - UNIP, Câmpus Bauru*

1ª Edição / 2025  
Bauru, SP

Edgar A. Poe

# A QUEDA DA CASA DE USHER

Era um dia nublado e silencioso de outono. As nuvens passavam bem baixo pelo céu. Já começava a anoitecer. Eu cavalgava sozinho por um caminho sombrio em direção à Casa de Usher. O título "Casa de Usher" era uma denominação usada pelos moradores da região para se referir tanto à família que morava na mansão quanto ao próprio local.

Ao chegar na mansão, não consigo descrever a sensação que tive. Era uma melancolia insuportável que invadia meu coração, observando aquela casa de paredes sombrias, janelas vazias e árvores mortas de troncos brancos. Havia uma sensação de tristeza desoladora em todo local.

Tudo me incomodava ao olhar a Casa de Usher. Havia uma melancolia, uma náusea que invadia o coração, uma amargura que preenchia os meus pensamentos. Não consigo explicar com exatidão o que houve quando cheguei. Era um mistério indecifrável. Sei que podemos ser afetados pela energia de um lugar mas, ainda assim, o poder que o local exerce sobre nós está além da nossa compreensão.

Depois de um tempo observando o lugar, cavalguei até a beira do lago negro que ficava próximo à Casa de Usher. Ao olhar para baixo, observei uma imagem que me amedrontou ainda mais: eram imagens invertidas daquelas árvores cinzentas e das janelas vazias que pareciam olhos da casa.

Seria naquela tenebrosa mansão que eu permaneceria pelas próximas semanas. Seu proprietário, Roderick Usher, era meu amigo de infância. Já havia se passado muitos anos desde nosso último encontro. Há alguns dias atrás, enquanto eu morava em uma parte distante do país, recebi uma carta de Roderick.

Sua escrita dava sinais de nervosismo. Roderick me falou sobre uma doença aguda, algum tipo de transtorno mental que o afetava. Mencionava ainda seu desejo sincero de me ver e que me considerava seu melhor e único amigo pessoal. Ele dizia que gostaria de me ver para ter algum alívio em sua doença. E foi seu pedido honesto e emocionado que me levou a atender imediatamente ao seu chamado.

Embora, sejamos amigos de infância, eu sabia muito pouco sobre sua vida adulta. Ele sempre foi uma pessoa reservada. Sua família era bastante tradicional, sendo lembrada pelo temperamento peculiar de seus membros. Por séculos, sua família foi retratada em obras de arte. Participavam de vários eventos de caridade na cidade de forma bastante generosa, porém reservada. Adoravam ser desafiados e gostavam muito de música. Mas as pessoas da família Usher não viviam muito tempo. Vários morreram com pouca idade.



Eu imaginava se Roderick poderia ter algum tipo de doença, herdada de sua família. Naquele momento, à beira da lagoa, enquanto eu olhava para baixo, para dentro daquelas águas escuras, o aspecto abandonado do local piorava ainda mais a impressão que tive logo que cheguei.

Existe uma lei paradoxal que afirma que todos os sentimentos tem como base o medo. Talvez tenha sido apenas por medo que, ao erguer os olhos novamente para a casa, senti a força opressora daquele lugar. Havia uma atmosfera fúnebre que pairava sobre a mansão e tudo o que estava ao seu redor. Um vapor que não se misturava com o ar do céu e que trazia o odor das árvores deterioradas, das paredes cinzas da casa e da lagoa silenciosa. Uma brisa cinzenta, lenta, monótona, mística e pestilenta.

A Casa de Usher era bastante antiga. Suas paredes precisavam de uma pintura. Fungos minúsculos se espalhavam dos beirais dos telhados até o chão. Havia um contraste enorme entre estrutura sólida da construção e as pedras da parede que estavam prontas para desmoronar.

Assim, apesar de seu aspecto decadente, a casa dava poucos sinais de instabilidade. Talvez o olho de um observador mais experiente pudesse ter observado uma fissura quase imperceptível, que se estendia em ziguezague do telhado da frente da casa até as águas turvas da lagoa.

Enquanto eu observava a mansão, atravessei uma pequena calçada até a entrada. O empregado que me recebeu guardou o meu cavalo. Passei por um arco gótico na entrada do salão. Um mordomo, de passos discretos, me conduziu em silêncio por muitas passagens sombrias até o quarto de Roderick. Enquanto caminhava, observei o aspecto melancólico do interior do casarão. Percorri aqueles corredores observando os objetos decorativos.

Havia esculturas nos tetos, tapeçarias sombrias pregadas nas paredes, pisos escuros e armaduras fantasmagóricas que pareciam se mover enquanto eu caminhava. O aspecto sombrio daquela casa era assunto em minha família desde a minha infância. Mas aquilo tudo era muito familiar para mim. Enquanto subia uma das escadas, me deparei com o médico da família. Estava com um semblante preocupado. Mal me cumprimentou e foi embora.

Ao chegar no quarto de Roderick, o mordomo abriu a porta para mim e me conduziu pela entrada. O quarto era amplo com um teto bastante elevado. As janelas eram longas, estreitas e pontiagudas. Elas estavam a uma distância tão grande do chão de carvalho preto, que eram completamente inacessíveis por dentro. Uma luz vermelha fraca atravessava os vitrais e ajudava a observar alguns objetos ao redor. Meu olho lutava em vão para observar os locais mais afastados do quarto ou os detalhes do teto em forma de abóboda. Cortinas escuras pendiam sobre as paredes. O mobiliário era antigo, esfarrapado e desconfortável. Havia muitos livros e instrumentos musicais espalhados, que não conferiam qualquer vitalidade ao quarto. Eu sentia a tristeza pairando no ar.

Roderick, que estava deitado, se levantou do sofá e me saudou calorosamente. Parecia uma cordialidade exagerada, afinal não nos víamos há muito tempo. Mas, ao olhar em seus olhos, percebi a sua sinceridade em me receber. Sentamos para conversar um pouco. Por alguns momentos, enquanto ele não falava, eu sentia por ele um misto de pena e temor.

Foi difícil para mim reconhecer que aquele que estava diante de mim um dia havia sido aquele amigo de infância. Seu rosto sempre foi notável. Mas naquele momento, pouco havia do que eu lembrava. Seu rosto era coberto por uma pele cadavérica, tinha olhos grandes e brilhantes, lábios um pouco finos, pálidos, mas com uma curva incrivelmente bonita e um largo nariz hebraico.

Ele tinha também um queixo finamente moldado e cabelos brancos, suaves e finos como uma teia de aranha. Aquelas características compunham um rosto impossível de ser esquecido. Sua face havia mudado tanto que, por um momento, duvidei que era ele. Aquela palidez medonha, os olhos saltados e tudo em seu rosto me impressionava.

De repente, fui atingido por uma sensação de empatia, pois me lembrei do que sua carta dizia. Assim, logo compreendi que toda essa tristeza em seu rosto surgiu de uma série de lutas diárias para superar algum tipo de alteração nervosa que o incomodava.

Roderick mudava seu humor rapidamente, apresentando ações ora vivazes, ora mal-humoradas. Sua voz também variava rapidamente de um tom indeciso e trêmulo a um gutural e lento. Foi com essa voz, variando a cada momento, que ele me explicou o motivo da minha visita, do seu desejo sincero de me ver e do consolo que esperava que eu lhe oferecesse.

Também tentou me explicar a natureza de sua moléstia, que segundo ele, tratava-se de uma doença familiar, para a qual buscava desesperadamente encontrar algum remédio. Ele mostrava vários sinais da doença. Alguns deles pareciam ser bastante interessantes, embora pudessem ter a influência do peso das palavras usadas para descrevê-las. Sofria muito com uma ampla perturbação de sentidos: o alimento mais insípido era insuportável; só podia usar roupas de textura delicada; os odores de todas as flores eram horrendos; seus olhos estavam sensíveis até mesmo à luz mais fraca. Apenas o som de instrumentos de cordas não o incomodava.

Percebi que ele fora escravizado pelo medo. Num certo momento, me disse:

- Vou morrer em breve! Devo falecer desta deplorável loucura. Estarei perdido até meus últimos dias.

E continuou:

- Tenho pavor do futuro. Não do futuro em si, mas do que pode acontecer comigo. Eu fico arrepiado só de pensar que qualquer incidente pode tornar minha vida intolerável. Não tenho medo do perigo, mas sinto terror pelo desconhecido. Esta condição lamentável, mais cedo ou mais tarde, fará com que eu perca a vida e a razão durante alguma batalha contra um fantasma sombrio que chamo de medo.

Pela sua fala, notei que Roderick estava agarrado a certas superstições relacionadas à mansão, onde estava preso há anos. O longo sofrimento de seu espírito parecia ser resultante da influência daquelas paredes, das torres cinzentas e daquele lago escuro que se via logo abaixo da propriedade.

Ele hesitou em confessar que muito da sua melancolia era devido à doença crônica e grave de uma amada irmã, aquela que era a sua única companheira pelos últimos anos. Ela era sua última e única parente viva, e também a única outra moradora naquela mansão. Então, ele me disse em um tom amargo, desesperado e frágil que jamais me esquecerei:

- Quando minha irmã morrer, eu serei o último da antiga linhagem dos Ushers.

Enquanto ele falava, sua irmã, a senhora Madeline, passou lentamente em frente à uma porta afastada do quarto e desapareceu sem perceber a minha presença. É difícil explicar a sensação de assombro que senti enquanto meus olhos acompanhavam os passos dela. Quando a porta demoradamente se fechou, meu olhar se voltou novamente a Roderick, cujo rosto estava coberto pelas suas mãos, por onde lágrimas escorriam entre seus longos dedos magros. A doença da senhora Madeline era muito desafiadora para seus médicos. Só o que conseguiam observar era a sua destruição gradual.

Roderick comentou que sua irmã tinha uma apatia característica, associada a afecções frequentes, transitórias e parcialmente catalépticas. Até aquele momento, ela havia resistido bravamente à moléstia. Mas, ao final da noite de minha chegada à casa, ela sucumbiu à doença, permanecendo em sua cama permanentemente. Assim, nunca mais a vi depois daquele encontro assustador.

Vários dias se seguiram e o nome de Madeleine não foi mais mencionado por Roderick, nem por mim. Durante esse período, eu me ocupava tentando aliviar a melancolia de meu amigo. Passávamos o tempo pintando, lendo ou ouvindo as improvisações que saíam do violão tocado por Roderick. Assim, à medida que ficávamos mais íntimos, eu percebia a inutilidade de toda essa tentativa de alegrá-lo.

Sempre me lembrarei dos bons tempos que passei com Roderick. Entretanto, eu deveria ter falhado em algum ponto naquilo tudo que fazíamos juntos. Suas longas improvisações fúnebres soarão para sempre em meus ouvidos. Lembro-me dolorosamente de ouvi-lo tocando a melodia selvagem da última valsa de Von Weber e de suas pinturas imprecisas.

Um dos quadros era uma concepção fantasmagórica do meu amigo. Era uma pequena imagem que apresentava o interior de um túnel imensamente longo, com paredes baixas, lisas, brancas e sem nenhum ornamento. O quadro transmitia a ideia de que essa escavação estava a uma profundidade abaixo da superfície da terra. Nenhuma saída era observada em qualquer parte de sua vasta extensão. Não havia tocha, nem alguma fonte artificial de luz. No entanto, uma enxurrada de feixes luminosos banhava a cena com um esplendor horrível e espectral.

Roderick sofria de uma condição mórbida que o tornava tolerante apenas aos sons de instrumentos de corda. Mas, mesmo assim, suas improvisações soavam deveras melancólicas.

Eu não conseguia entender de onde vinha a inspiração para a facilidade fervorosa de seu improviso. Ainda me lembro da voz de Roderick cantando junto ao violão os versos de uma canção intitulada "O Palácio Assombrado". Lembro-me bem como as letras dessa balada foram concebidas. As pedras cinzentas e ao lago negro que rodeavam a mansão criavam uma atmosfera própria que moldavam quem ele era naquele momento.

Mas os livros que jaziam na biblioteca também foram responsáveis por determinar a personalidade de Roderick. Havia momentos nos quais Roderick se debruçava sobre os livros, sonhando por horas. Seu principal deleite estava na leitura de um livro extremamente raro e curioso: o manual de uma igreja esquecida. Não pude deixar de pensar em como esta obra pode ter influenciado o comportamento de Roderick.

Certa noite, fui abruptamente informado do falecimento de Madeline. Roderick, ainda atordoado com a notícia, manifestou sua intenção de preservar o corpo de sua irmã em um dos numerosos cômodos localizados em uma parte afastada da mansão por quinze dias antes do seu enterro final.

Decidi não contestar porque ele desejava manter o corpo de sua irmã no interior da casa. Mas ele afirmou que desejava agir de tal maneira devido à natureza incomum da doença que causou a morte. De minha parte, não tive vontade de me opor ao que considerava, na melhor das hipóteses, uma precaução inofensiva e até certo ponto justificável.

A pedido de Roderick, ajudei nos preparativos para o sepultamento temporário de Madeleine. Nós dois iríamos levar o corpo da falecida para o interior de um cômodo pequeno, úmido e escuro, imediatamente abaixo daquela parte do prédio em que estava meu quarto.

Enquanto transportávamos a falecida, Roderick me contava que aquela área de mansão era usada anteriormente como cárcere em tempos feudais e, posteriormente, como depósito de pólvora. O local era protegido por uma porta de ferro maciço bastante reforçada. Ouvimos um som alto, irritante e agudo enquanto as dobradiças se moviam e a porta se abria. Colocamos o caixão em cima de uma mesa.

Antes de fecharmos o caixão observei a semelhança marcante entre o semblante dos irmãos. Roderick percebendo que eu os observava, mencionou o fato de que eram irmãos gêmeos e que, por isso, sempre houve muita afinidade entre eles. A doença que levou Madeleine à sepultura deixou um leve rubor no seu rosto e um fraco sorriso em seus lábios. Parafusamos a tampa do caixão e fechamos a porta de ferro.

Os dias que se passaram foram preenchidos por uma dor amarga e com ela vieram algumas mudanças no comportamento do meu amigo. Ele já não possuía mais aquele jeito simples de ser. Deixou de fazer as coisas que fazia rotineiramente.

Ele caminhava o dia todo pela casa, perambulando de cômodo em cômodo, com passos apressados e irregulares. Seu rosto ficava cada dia mais pálido, assumindo uma tonalidade medonha. Não havia mais brilho em seus olhos. Sua voz não tinha mais melodia. Apenas se ouvia uma voz trêmula e amedrontada. Em alguns momentos, eu tinha a impressão de que ele escondia algum segredo que não tinha coragem de me contar. Às vezes, eu o observava olhando atenciosamente, por longas horas, para um vazio. Era como se prestasse atenção em algum som imaginário. Eram momentos de loucura que passavam a me incomodar. Eu estava ficando apavorado.

Na sétima ou oitava noite após transportarmos o corpo de Madeleine para aquele local, comecei a enlouquecer. As horas se passavam e o sono não se aproximava mais de mim.

Eu lutava para controlar meu nervosismo e manter meu raciocínio. Sentia uma influência desconcertante que vinha daqueles móveis sombrios e daquelas cortinas escuras e esfarrapadas, que balançavam de um lado para o outro.

Em uma noite, um terror incontrolável se instalou em meu coração sem nenhuma causa aparente. Levantei-me sobre os travesseiros e olhei para a escuridão que atravessava o quarto. Sentia um arrepio. Ouvia sons baixos e indefinidos que vinham após longos intervalos. Eu estava dominado por um sentimento de extremo horror, que não possuía explicação alguma e que eu não conseguia mais suportar.

Vesti minhas roupas rapidamente e me esforcei para despertar daquele estado de sonolência. Andava de um lado para o outro no quarto, quando ouvi os passos de Roderick descendo as escadas. Ele bateu à porta do meu quarto e entrou segurando um lampião. Eu observava aquele rosto cadavérico com um olhar de loucura. Fiquei assustado com a forma com que me olhava. Mas o sentimento de medo e solidão dentro de mim era tão grande que o recebi com alívio. Então, ele me disse:

- Você viu, não viu? Fique! Você deve ficar!

Aquela era uma noite de tempestade de terror e beleza singulares. O vento mudava de direção violentamente. As nuvens eram densas e baixas, a ponto de cobrir as torres da casa. Não havia lua, nem estrelas e nem relâmpagos. Havia apenas uma fraca luz que vinha da névoa que pairava ao redor da mansão. Então, eu disse para Roderick:

- É esse clima ao redor da casa que está te enlouquecendo. O ar aqui é frio e perigoso para você. Tenho aqui um dos seus romances favoritos. Eu vou ler e você vai me ouvir. E assim, passaremos juntos esta noite terrível. Aquele, na verdade, era o único livro que estava imediatamente à mão.



Eu tinha uma vaga esperança que uma leitura poderia aliviar a sua agitação. Ele se agarrava àquela história e eu parecia ter sucesso em acalmá-lo. Ao terminar a leitura de um trecho do livro, ouvi um som vindo de alguma região afastada da mansão. Parecia ser apenas uma mera impressão, pois havia muitos ruídos vindos da tempestade. Então continuei a ler a história.

Em um certo momento, parei de ler abruptamente. Fiquei espantado ao ouvir um som baixo e distante, que parecia um grito prolongado. Estava amedrontado, mas tentava me controlar para não deixar Roderick ainda mais nervoso. Eu não tinha certeza se ele havia escutado aquele grito. Ele se sentou com o rosto próximo à porta do quarto. Via seus olhos bem abertos. Seu corpo balançava de um lado para o outro, num movimento constante e uniforme. Então, continuei a leitura.

Depois de um tempo, minha leitura foi novamente interrompida. Desta vez por um som metálico de algo caindo pesadamente no chão. Levantei completamente assustado, mas o balançar de Roderick não foi perturbado. Ele então se sentou em uma cadeira. Corri em direção a ele e observei seus olhos fixos. Seu semblante tinha a rigidez de uma estátua. Mas, quando coloquei minha mão sobre seu ombro, ele me olhou com um sorriso doentio e com os lábios trêmulos. Ele murmurava algo apressado, como se eu nem estivesse presente. Inclinei-me para ouvi-lo.

- Você ouviu? Sim, eu já escuto estes gritos há muito tempo. Muitos minutos, muitas horas, muitos dias. Já ouvi, mas não me atrevi dizer. Oh, que pena de mim! Sou um miserável! Nós a colocamos viva no túmulo! Eu não disse que meus sentidos eram aguçados? Eu ouvi os seus primeiros movimentos fracos dentro do caixão. Eu ouvi aqueles sons há muitos e muitos dias! Mas não me atrevi a falar! E agora? Será que ela está vindo me tranquilizar? Era o passo dela na escada?

Naquele momento, eu sabia que era ela atrás daquela porta! Mas eu não conseguia mais ouvir as batidas do seu coração! Naquele momento, as portas se abriram para trás, mostrando o cadáver de Madeleine de pé com suas vestes brancas ensanguentadas. Parecia ter vindo de uma luta. Ela estava trêmula e cambaleava de um lado para o outro. Soltou um grito e caiu sobre Roderick, derrubando-o no chão.

Fugi daquele quarto e corri horrorizado para fora da mansão. A tempestade ainda caía forte. Enquanto atravessava a calçada, vi uma luz brilhante que vinha de uma lua cheia enorme, poente e de cor vermelho-sangue. Ela brilhava em cores vivas através daquela rachadura na parede da mansão que mencionei anteriormente. Eu observava aquela fissura rapidamente se alargando, derrubando as enormes paredes da mansão que caíam sobre o lago, deixando apenas alguns destroços daquilo que um dia foi a Casa de Usher.

FIM



O conto “A queda da Casa de Usher”  
foi publicado pela primeira vez em  
1839. Sua história gótica e  
melancólica apresenta a chegada  
esperada de um visitante à mansão  
onde residem os irmãos gêmeos  
Roderick e Madeleine Usher,  
acompanhada de uma série de  
desdobramentos inesperados.